

Oferta

DIRECTOR
AUGUSTOSUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULODE SANTA
RITA

COMO O LÔBO ■ ■ INTRUJOU A RAPOSA

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

Numa encruzilhada de caminhos, Compadre Lobo e Senhora Raposa esbarraram um com o outro.

— «Pelo que vejo, estás tal qual como eu! Trazes o sacco vazio, Compadre Lobo!» —

— «Sacco e bandulho, comadrinha! Em todo o dia, nada topei que me matasse a fome!» —

E os dois esfomeados olharam-se, ansiosos, pensando que tal situação não podia prolongar-se mais tempo.

O Lobo, com os olhos a faiscar, falou primeiro:

— «Comadrinha, — (disse elle) — vamos pôr-nos os dois a caminho e, assim juntos, trataremos da manobra. Tu és prudente e manhosa, eu sou enérgico e cruel. Na herdade do tio Zé Fagundes há muita criação. Com as maravilhosas qualidades que possuímos, só por obra do diabo, não arrançaremos qualquer coisa que nos regale a dentuça.»

Mais bem dispostos com tal idéa, os dois mariolas caminharam, rasteirinhos ao muro, fazendo-se baixinhos para que os arbustos os tapassem.

Já ouviam o alegre có-có-ró-có dos galos e o monótono cacarejar das galinhas, quando o Lobo parou, dizendo:

— «Combinemos a divisão do trabalho. Eu, que sou maior e mais forte, é que vou buscar os capões que nos convem. Tu ficarás à espreita por detrás do muro. Se, por acaso, aparecer algum cão de guarda, explicas-lhe que estás no teu pleno direito de cortares por ali, visto que a tua casa fica a meio da encosta. Mas dize-lhe isso em alto e bom som, para que eu te oiça e não me apanhem com a boca na botija, percebeste? Enquanto vigias a canzoada, eu tratarei de surripiar a criação mais tentadora, que levarei para baixo do carvalho velho, onde depois irás ter comigo.»

Comadre Raposa ficou encantada com a engenhosa proposta.

— «Como este Lobo é estúpido! — (pensava com os seus botões.) Se fôr apanhado em flagrante, dão cabo dele! Eu é que nada faço nem arrisco, e hei-de comer o meu quinhão!» —

Logo respondeu, muito pronta:

— «Está bem! Fica entendido! Podes contar comigo para tomar conta de tudo!» —



Era quási noite quando chegaram à herdade.

O Lóbo subiu a um pedregulho, saltou o muro e meteu-se no celeiro que tinha uma fresta por onde podia bisbilhotar, sem ser visto.

Durante esse tempo, Comadre Raposa, muito sossegada da sua vida, andava à roda da propriedade.

Mestre Lóbo nada dissera mas estava bem ao facto dos hábitos da herdade.

Sabia que era costume, à tardinha, o tio Zé Fagundes largar os cães para fóra da quinta, a rondar os muros.

De facto, daí a pouco, ladrando muito alto, eles saíram pelo portão e Compadre Lóbo ponde, à sua vontade, cair sôbre dois belos capões.

Pelo lado, oposto, donde vinha o ladrar dos cães, fugiu, levando nos dentes as suas duas prêsas.

Quem não ficou lá muito satisfeita foi a Comadre Raposa, ao vêr, diante de si, um enorme canzarrão, de boca escancarada, olhos esbugalhados e ladrar tão forte que tudo, à roda, tremia.

A Raposa titubeou:

— «Grande honra para mim cumprimentá-lo, caro senhor cão!» —

— «Explica-me mas é a razão porque andas a rondar a propriedade de meu amo!» —



— «Estou pas-seando.»

— «Nunca é permitido às raposas andarem, ao sol pôsto, à roda das capoeiras. Vem já dar conta do teu procedimento, minha intrujona!» —

Levada pelo gaganete, Comadre Raposa não teve mais remédio senão obedecer.

Estava o tio Zé Fagundes olhando, estarecido, as manchas de sangue que emporcalhavam a terra, quando o cão de guarda lhe trouxe, pendurada nos dentes, a raposa que regouvara, cheia de medo.

— «Grande ladrisca! Bem me parecia que me tinham larapiado os meus belos galos! Vais-me pagar caro o teu atrevimento!» —

É, pegando nela, atou-a a uma árvore.

Depois, foi buscar uma espingarda e atirou sôbre a raposa.

Mas a bala só lhe veiu cortar a cauda abaixo dos rins, deixando-a, portanto, livre.

Comadre Raposa fez uma pirueta e galopou pelos campos fóra.

Quando chegou ao carvalho velho, ia cansadíssima de dores.

(Continua na página seguinte)

DONA FILIPA de VILHENA

Por JOSINO AMADO

— **N**UMA fria madrugada,
Antes de o Sol despontar,
Ofertei à Pátria amada,
O mais que podia dar!

Foi a luz da minha vida,
Os meus sonhos mais fagueiros,
Dois filhos, prole querida
A quem armei cavaleiros!

E disse-lhes, corajosa,
Quando as espadas lhes dei:

— «A nossa Pátria formosa
Com bravura defendei!

Lutai pela liberdade
Do bom povo português,
Imolando a mocidade
Para ser livre outra vez!

Sêde bravos na peleja,
Correi ao paço real!...
Antes eu mortos vos veja
Do que morra Portugal!...»



■ F I M ■

A CARIDADE

Por JOSINO AMADO

I

CADAVERICA, rôta, esfomeada,
Olhos de luz amortecida, baça,
À beira duma rua, envergonhada,
Estende a mão à multidão que passa.

Ninguém a vê!... O rico, fronte alçada,
Vira a cara e maldiz tanta desgraça;
O pobre foge, ao ver na desgraçada
A sombra do porvir que o ameaça.

Calada, humilde, meditava, apática,
Quando a acordaram da mudez extática,
Os sinos a dobrar na imensidade.

Ouvindo o seu vibrar triste, plangente,
A pobre pensa, merencoriamente:
— «Morreu a nossa mãe, a Caridade!»

II

Nisto passou, alegre, saltitante,
Como um pardal ao regressar ao ninho,
Uma criança bela, impressionante,
Olhar azul, macio como arminho.

Vai para a escola, a saca de estudante
A balouçar, merenda no cestinho,
Vendo a pôbrinha, pára e, num instante,
Tudo lhe dá, contente, aquele anjinho.

E segue, pressuroso, satisfeito,
Um rouxinol cantando no seu peito,
Enquanto, pelo azul, repicam sinos...

E a pobre, ouvindo a vibração festiva,
Com fé pensou: — «A Caridade é viva,
Ressuscitou na alma dos meninos!...»



COMO O LOBO INTRUJOU A RAPOSA

(Continuado da página 2)

Logo o lobo perguntou: — «Que é feito da tua linda cauda?»

— «Mais tarde te responderei. Primeiro que tudo quero encher a barriguinha.» —

— «O quê? Sempre julguel que tinhas passado este tempo todo a comer, regalada!»

Como demoraste, já devorei os dois capões. Por sinal, estavam bem atochadinhos de carne!» — e lambia os beiços, com ar guloso.

De orelha murcha, barriga vazia e cauda mutilada, a pobre tansa recolheu à sua toca, a esconder tanta vergonha, pois era caso único, no mundo

uma raposa matreira ter sido intrujada pelo bruto dum lobo.

A LIÇÃO DO JOSÉ MANUEL

Por LEONOR DE CAMPOS.

O José Manuel é um rapaz inteligente, estudioso... Andava no 5.º ano do liceu. E é conhecido, entre os colegas, por «Zé Sabichão».

Este ano foi passar as férias grandes ao Norte, a uma linda terra do Alto-Douro. Certa noite muito quente, andava ele a passear na estrada, com dois amigos, quando surgiu um magote de rapazes que, armados de enormes canas, perseguiram alguns morcegos que por ali esvoaçavam...

— «Alto! — gritou José Manuel, com voz forte. — Que andam vocês a fazer?»

Os rapazes, intimidados, pararam imediatamente. E, de entre eles, adiantou-se o Zacarias.

— «Saberá o senhor Zézinho que andamos à caça dos morcegos!...»

— «E para quê? Para que caçam vocês os morcegos?»

— «Ora, p'ra que houvera de ser!... É p'ra ver se desaparece esta raça de má morte!...»

— «Mas vocês não estão bons da cabeça! — exclamou José Manuel, indignado. — Que mal lhes fazem os pobres morcegos? Pelo contrário, só bem lhes podem fazer!...»

— «Salvo o devido respeito, o senhor Zézinho está enganado!... — retorquiu, com

todo o desembaraço, o Zacarias. — Estes animais são muito perigosos... *Inté* chupam o sangue à gente!... E, além disso, comem-nos a fruta e estragam a horta!...»

— «Vocês não sabem o que dizem, rapazes... Mas venham daí comigo até minha casa... Quero dar-vos uma liçãozinha, que decerto vos aproveitará...»

Os rapazes entreolharam-se, coçaram as cabeças, indecisos, mas, por fim, lá se resolveram a seguir o José Manuel.

Pouco depois, sentado na varanda e rodeado pela rapaziada, o «Zé Sabichão» começava:

— «Os morcegos, ao contrário do que vocês e muita outra gente julga, não são



prejudiciais nem nocivos... Deviam até ser estimados pelos homens e não destruídos...»

— «Mas porquê, senhor Zézinho?» — indagou um, dos do grupo.

— «Porque não estragam os pomares e as hortas. Só os beneficiam, comendo os insectos que costumam atacar os frutos e as hortalças... Vocês percebem? Quero dizer: os morcegos comem as lagartas, os gafanhotos, os bichos de conta, as moscas... enfim, toda essa bicharada que vive à custa da fruta e da hortalça, que a nós nos sabe tão bem!...»

— «Sério, sério, senhor Zézinho?» — perguntou o Zacarias, incrédulo.



José Manuel deu um salto:

— «Essa agora?! Então, vocês duvidam do que eu afirmo?»

— «É que... os nossos pais... os nos avós... todos dizem que o morcego é ru que *inté* chupa o sangue à gente...»

— «Mas quem sabe mais? O teu pai, teu avô, que nem sequer são capazes de soletrar uma carta, ou eu, que ando a tudar há uns poucos de anos?»

O Zacarias é um cabeçudo. Por isso tornou:

— «Tá claro: o menino sabe mais de coisa de livros. Mas com respeito a cá do campo, o meu pai... o meu avô...»

— «Ah, sim?» — indignou-se o José Manuel. — Nesse caso, podes ir-te embora. Vou continuar com a minha lição e outros rapazes, mas a ti não ensino mais nada... Ah!...»

Zacarias fez-se vermelho como um mentão. E, muito murcho, deu meia volta e desceu os degraus de pedra, a p'lo lento. Mas não se afastou. Sentado no timo degrau, ali ficou a ouvir a lição de José Manuel.

Este continuou:

— «Há realmente algumas espécies de morcegos prejudiciais. Mas não em Portugal. Só na América do Sul e em certas regiões da África, eles aparecem. São chamados *vampiros* — morcegos grandes avermelhados. De ponta a ponta das suas aberturas, medem cerca de meio metro. Estes, sim, são perigosos, sobretudo para os animais. Mordem aves de capoeira, etc.: galinhas, perús, etc... Mordem castelos, burros, bois... e até chegam a morder o homem, para lhe chupar o sangue...»

— «Ena, pai! — gritou o Ernesto, gatinho vivo e esperto. — E deixam a pessoa quinha?»

— «Não, meu rapaz. Enfraquecem apenas... É claro: se a pessoa for picada todos os dias, pode até morrer... Mas preciso notar uma coisa. O vampiro



(Continua na página 7)

SANTO AGOSTINHO E O MENINO DEUS

Por FRADE CORREIA

Ao meu amigo Agapito

A NDAVA Santo Agostinho, em tarde de saúde, a meditar no mistério da Santíssima Trindade, quando adregou encontrar, a brincar, Jesus-menino na praia.

— Era, então, já lua cheia...
E o Menino lá andava, com suas mãos de cambraia, a deitar água do mar numa covinha de areia.

E não parava um momento, pois levou horas assim;



mas, por fim, o santo compadecido, deslumbrado, disse, com pena, ao menino:

— «Já deves andar cansado... Que pretendes, criancinha?»

— «Quero meter todo o mar nesta pequena covinha.»

— «Tu não vês que é impossível?! O mar é quasi infinito

e queres metê-lo nesse cantinho restrito!?»

— «Mais infinito, que os céus e que o mar, é o Mistério em que andas a meditar!»

Calou-se o Santo mas deu muita razão ao Menino. Reflectiu... compreendeu que Ele era Deus-pequenino.

■ F I M ■

As Respostas do Serapião

Por MANUEL FERREIRA

NÃO sei se conhecem o meu amigo Serapião. Era um velho que tinha duas pernas de pau e vendia electricidade em pó num quiosque de secos e molhados, na rua da Tinta Preta.

Uma vez, quando era pequenito, Serapião desatou a tocar corneta. Fazia infernal barulheira. A mãe, D. Pancrácia, veio a correr:

— «Que vem a ser isto, Serapião? Não ouviste dizer, há pouco, que não queria barulho?»

O pequero respondeu, com muita convicção:

— «O' mamã, mas este barulho não é o mesmo. Há bocadinho era o tambor. Agora, estou a tocar corneta...»

Preguntaram, certa vez, ao nosso herói:

— «Entre os filhos dos teus pais, há algum que não seja teu irmão?»

— «Há, sim, senhor.»

— «Há? Vê o que dizes...»



— «Há um que não é meu irmão; é a minha irmã.»

Em outra ocasião, D. Pancrácia perguntou ao nosso Serapiãozinho, à hora do jantar:

— «Estavam duas maçãs no fru-

teiro. Agora só aqui vejo uma. Como foi isto arranjado?»

— «Eu lhe digo, mamã. E' que estava tão escuro na casa de jantar que eu não reparei na maçã que ficou.»

— «O' papá, dá-me um tostão?»

— «Já és bastante crescido para me pedires um tostão...»

— «Bom. Então, o papá dá-me cinco tostões?»

A hora do almoço, recêbe-se um telegrama da avó, D. Felisberta.

— «Leia, papá.»

— «Perdi o combóio. Vou amanhã, à mesma hora...»

— «A avó tem cada uma! — (observou Serapião.) — Se ela vem amanhã, à mesma hora, torna a perder o combóio.»

Como Serapião tivesse feito algumas viagens, de vez em quando, dizia a sua mentira.

— «Calculem vocês — (disse ele) —

COLABORAÇÃO INFANTIL

CARTA AO MENINO JESUS

Por MARIA BERTA

Para a MARIA HELENA

MEU Jesus, doce Menino,
Quizera compôr um hino,
Cheio de amor e de unção;
Em que pudesse mostrar
O lugar grande, sem par,
Que tens no meu coração.

Um hino tão grandioso,
Tão suave e harmonioso,
Tecido com tais cantos,
Que só pudessem cantá-lo,
P'ra Teu prazer e regalo,
Os anjos do céu e os santos.

Que belo devia ser,
Se conseguisse dizer
O que penso, o meu sentir;
Se aquilo que está cá dentro,
Se o amor que em Ti concentro,
Se pudesse traduzir!...

Porém, não pode, bem sei;
Porisso desistirei
De realizar tal intento;
Por não ter jeito nem arte,
Sou forçado a pôr de parte
Este louco pensamento.

Mas sempre dizer-te quero
Que tenho um culto sincero
Por quanto Te diz respeito;
Que Te rezo com fervor,
Que Te guardo, com amor,
No mais fundo do meu peito.

Que quando vens, no Natal,
Com ternura, sem igual,
Com o maior dos carinhos,
Deixar brinquedos, lembranças
Às inocentes crianças,
Dentro dos seus sapatinhos,

Eu sinto, dentro de mim,
Uma alegria sem fim,
Que me dá felicidade;
E dói-me profundamente
Saber que, no mundo, há gente,
Que não vê tanta bondade!»

É por isso, meu Jesus,
Fonte da mais pura luz
Que até hoje conheci,
Que em meu culto e devoção,
Minha primeira oração,
Vai, sempre, só para Ti.

F

I

M

que já subi os Alpes, em bicicleta.»
Os amigos riam-se. Um deles, então,
disse:

— Não acreditam? Pois é verdade!
Quando éle ia a subir, já vinha eu a
descer.»

— «Olha: — O Século» — apregôa o
nosso homem, em alta grita, no Rossio.

— «Tem o jornal de amanhã» — pre-
guntou um engraçado.

— «Não, senhor. Os jornais de áma-
nhã já os vendi todos, ontem.»

O Bernabé, que tem uma loja de
solas, correias e cabedais, perguntou,
por chalaça, a Serapião:

— «Olhe lá, você vende gravatas e
não usa gravata?»

— «Também o senhor vende coleiras
para cães e nunca usou coleira.»

Uma tarde, disse Serapião ao criado:
— «João, perdi no jardim uma moeda
de dez escudos. Se a achares, traze-ma.

Contudo, se não a achares, podes ficar
com ela...»

Quando conheci o meu amigo Sera-
pião, já éle era velho. Uma vez dis-
se-me:

— «Ah, Ferreira amigo! Quem me
dera o tempo em que sofria dos calos?»



— «Porquê, senhor Serapião!» — (pre-
guntei eu.)

— «Porque, ao menos, não tinha as
pernas de pau...»

Serapião chegou a homem. Fez-se
criado, em casa do senhor Dias.

Certa vez, um cavalheiro bate à
porta.

— «Quem é?» — (preguntou Sera-
pião.)

— «O patrão está?»

— «Não. Saiu há pouco.»

— «Tenho pena que o senhor Dias
não esteja. Mas deixo-lhe o meu car-
tão. Não se esqueça de lh'o entregar
logo que éle chegue.»

— «Ora essa! Esteja descansado.
Até lh'o posso entregar já...»

Na escola, mestre Anastácio pre-
guntou ao pequeno:

— «Como se divide o corpo humano?»

— «Em cabeça, tronco e membros —
(respondeu Serapiãozinho.)

— «E o corpo dos peixes?»

— «Em rabo, cabeça e postas!»

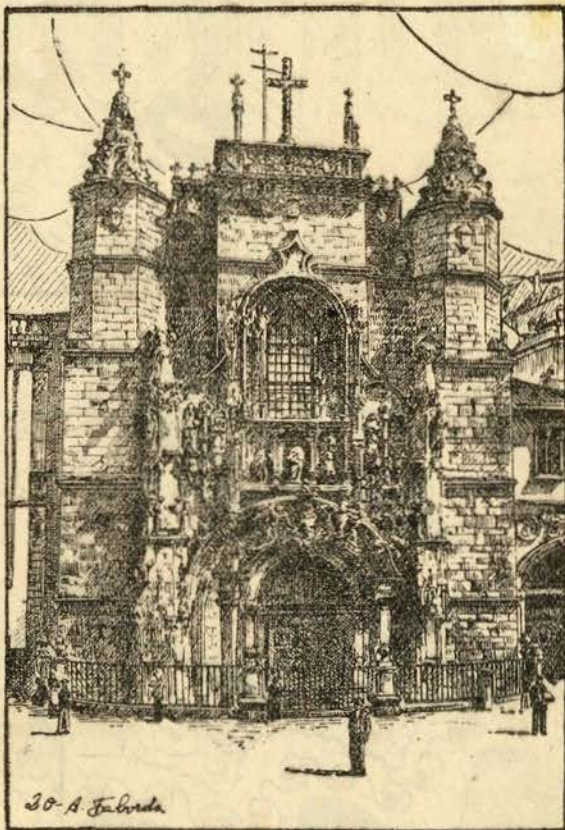
REFERÊNCIA AUXILIAR

A idéa da fundação do mosteiro, a que este monumento diz respeito, é de D. Tello cónego arceediago da Sé da cidade onde elle se ergue, de D. João Peculiar, mestre-escola e de D. Miguel, prior da Sé. Foi fundado em 28 de Junho de 1131.

Era, primitivamente, um templo humilde. Em 1190 foi sitiado pelo imperador de Marrocos, o qual em face da resistência, desistiu de o tomar.

E nesta igreja que se encontra um formoso púlpito, formado de uma só pedra, sendo a sua autoria attribuida ao escultor francês João de Ruão. Encontram-se lá, também, os restos de D. Afonso Henriques e de seu filho D. Sancho, em túmulos mandados esculpir por D. Manuel I.

O mosteiro transformou-se, mais tarde, em cadeia, roda de expostos, tribunal, casa de câmara, escola industrial correio e telégrafo, mercado e habitações.



A LIÇÃO DO JOSÉ MANUEL

(Continuação da página 4)

chupa o sangue a pessoas, nas noites em que não tem outro alimento...

— «E elles fazem feridas muito grandes?»

— «Talvez de um a dois centímetros de diâmetro... Assim...»

E o José Manuel mostrava, com os dedos, o comprimento aproximado da ferida.

— «Trr!...» — exclamou o Ernesto. — *Inte* estou arrepiado!...

O José Manuel continuou:

— «Mas, se às pessoas nem sempre atacam, não fazem a mesma cerimónia com os animais. Os cavalos, então, são uns mártires. Os vampiros agarram-se a elles, chupam, chupam e só os largam quando se sentem saciados...»

— «E os cavalos morrem?»

— «Sim, a maior parte das vezes, morrem. Não pela perda de sangue, mas pela infecção que a mordedura ocasiona...»

— «Onde há esses morcêgos, senhor Zé-zinho? Como disse o menino há bocadinho?» — indagou Ernesto.

— «Só na América do Sul e em alguns pontos da África...»

— «Ah!... Ainda bem que a gente está longe...»

— «E agora — rematou José Manuel, levantando-se — nunca mais tornem a maltratar os nossos pobres morcêgos. Estes são muito, muito diferentes desses tais morcêgos americanos e africanos!...»

— «São morcêgos portugueses... e basta!...» — ajuntou o Ernesto, a esfregar as mãos, satisfeito com a lição de José Manuel...»

CONCURSOS MENSAIS

DECISÃO DO JÚRI

Reunido o júri para a apreciação das provas relativas aos *Concursos de Contos e Poesias Infantis*, referentes ao mês de Dezembro próximo passado, entendeu fazer justiça concedendo menções honrosas, numeradas, às seguintes produções:

CONTOS INFANTIS

Primeira: — «O Milagre» por Cesar Madeira — (Rasec).

Segunda: — «Sejamos Irmãos» por Isoldina.

Terceira: — «O Pretinho que se fez branco», por Idalina Carvalho Rodrigues — (Fanny).

Quarta: — «Não faças aos ani-

mais...», por Manuel da Silva Rocha Felgueiras — (Maneco d'Amalan).

Quinta: — «A inveja», por Fanny

POESIA

Primeira: — «Raciocínio infantil», por Carlos F. Carvalho — (Carlos) —

Segunda: — «A Laidinha», por M. Carvalho — (Neco) —

Além destes, merecem, também, uma citação o conto: — «A Alicinha e a boneca», por Alentejano — Filipe Corujo Varca — e a poesia: — «A Bemfeita e o Endireita», por Alcatraz (Manuel Martins Relego Junior).

FALTA DE CHÁ

Por
MARIA DE JESUS DOS SANTOS



GOSTA de tudo saber...
A velhota é curiosa...
Se não lhe querem dizer,
Fica, logo, furiosa.

Ralha por tudo e por nada
A tal D. Seribanda,
Chega a deixar as pessoas,
Muita vez, de cara à banda.

Há dias foi lá a casa
A miss *Barry Belem*,
Senhora de fino trato
Mas que, de seu, nada tem,



No intuito de mostrar
Um bordado oriental
Que tinha para rifar,
Agora, pelo Natal.

Pois logo se abespinou,
Por a filha ir atender,
A senhora, e começou
Num ralho de ensurdecer.



É claro que em mil desculpas
A menina se desfez
E após a *miss* sair
Diz a mãe com altivez:

— «O que vinha ela vender?»
(Embora respeite a idade,
Voive a filha, zombeteira:)
— «Livros de *Civilidade*.»

Aprende a ser delicado,
Caro leitor miudinho,
Pois se cantares em novo,
Em velho dás-lhe um jeitinho.